

ENTREVISTA: dez vezes um

Silviano Santiago
(Letras-UFF)

1. *Borges disse que "suas lembranças mais vívidas não são de coisas que lhe aconteceram, mas de textos que leu". Há algum possível paralelo entre a experiência do escritor argentino e a sua?*

Sempre vivi a vida de maneira intensa e arriscada, e até mesmo tive prazer em beirar o perigo nos anos da juventude e da primeira maturidade, mas nunca quis ser um herói; a partir de certo momento de juventude quis ser um artista. Por isso, na chamada vida real, aprendi desde cedo a preservar o anonimato. Também por isso me fascina mais, muito mais modelar a matéria bruta do que expô-la aos outros tal como ela aconteceu e se apresenta. Não sou homem de confidências. Mas menos confidencio, mais me deixo trair. Quando sou pego em flagrante gosto de citar os versos de uma música popular: "não guardo segredos, mas sou bem secreto". — O objetivo primordial do meu trabalho artístico, do meu texto, é a modelagem da matéria bruta, e tenho como objetivo menor (mas não o relego a segundo plano) a exibição pública do produto final a que chamamos de livro. Afinal vivemos numa sociedade de consumo e tenho de ter uma editora. — O aprendizado da modelagem da matéria bruta, no meu caso, se fez principalmente por um lento e penoso processo de leitura dos grandes livros do Ocidente, de emulação deles e, por fim, de exercício na própria escrita da liberdade conquistada; o aprendizado se fez, também e simultaneamente, através da "leitura" de obras artísticas tradicionais (pintura, escultura, música clássica, etc.) ou de obras da cultura de massa (filmes, mpb, jazz, vídeos, programas de televisão, etc.). Mas nunca deixei de viver uma situação interessante por causa de uma leitura ou "leitura". Mas é esta que sempre deu forma àquelas situações. — Em dado momento do processo de modelagem de um livro fica difícil aquilatar qual é o peso da força da experiência e qual é o peso da força da leitura. Nos projetos mais realizados, as duas se entrelaçam de maneira harmoniosa; ou não se entrelaçam, gerando um mal-estar em mim, leitor de mim mesmo, que, por escapar à trama romanesca ou poética propriamente dita, às vezes foi trabalhado ao lado. Acrescento que a matéria bruta é sempre cooptada pelo peso da leitura, porque a sinceridade (no sentido clássico do conceito) não é o forte da concepção que tenho de literatura. Acredito que uma quantidade x de matéria bruta requer um **estilo** diferente do estilo que uma quantidade y de matéria bruta exigiu. Isso quer dizer que, no meu caso, a reflexão artística sempre parte da matéria bruta (e aqui talvez me distancie de Borges) e não do aprendizado a que me referi. No perigo de ser esquemático demais, diria que o aprendizado da leitura oferece um repertório fascinante de alternativas estilísticas, discursivas, dramáticas, poéticas, etc., que ali estão para ser escolhidas e usadas.

2. *Você já pensou em escrever um livro sobre a história da literatura brasileira - como, por exemplo, os de Cândido, Bosi e Merquior?*

Pensei, e cheguei até mesmo a submeter o projeto à Fundação Guggenheim com vistas a uma bolsa de estudos. Isso por volta de 1975. Lá se foram 20 anos. Não recebi a bolsa, é claro. Não escrevi o livro que ficou apenas na "semente" (para os que não foram alunos meus na época, estou fazendo aqui alusão ao início do projeto que era a leitura da metáfora da "semente" nos textos da literatura colonial brasileira; o título do curso era: A semente, ou a impossibilidade de se escrever a origem). — A idéia básica da pesquisa traduzia o clima

teórico da época e o questionamento de uma história das artes linear, evolutiva. Queria (em particular com relação ao período colonial e no tratamento teórico da noção de escritura) que o trabalho fosse interdisciplinar. Havia uma forte carga de reflexão tomada de empréstimo à antropologia e à psicanálise. Outra idéia básica vinha do conceito de entre-lugar, que tinha exposto em textos ensaísticos, escritos nos Estados Unidos no final da década de 70. — O lado mais utópico do projeto, e o mais excitante para mim na época, estava no fato de querer propor, não uma história discursiva da escritura literária no Brasil, mas uma **matriz teórica** de leitura dos textos que configuram isso a que chamamos de cultura brasileira. Ou seja, fornecia-se o aparato teórico e metodológico indispensável para que cada um, dentro dos seus limites e objetivos, ajudasse a escrever "uma" história (cultural?) da literatura. Seria, enfim, um trabalho coletivo realizado por colaboradores muitos deles anônimos, ou ainda de identidade desconhecida, pelo menos do ponto de vista do autor da matriz. — Hoje está muito tarde para pensar nessas coisas. Resposta: já pensei em escrever uma história da literatura brasileira, não escrevi nem pretendo escrever. Talvez a tenha falado nos meus cursos.

3. *Em "O narrador pós-moderno", de Nas malhas da letra, lê-se: "Há um ar de superioridade ferida, de narcisismo esquartejado no narrador pós-moderno, impávido por ser ainda portador de palavra num mundo onde ela pouco conta, anacrônico por saber que o que sua palavra pode narrar como percurso de vida pouca utilidade tem". Como você vê a relação entre a palavra escrita ou oral e o império da imagem?*

Sem ressentimentos. Sou um homem do meu tempo, como era moda dizer nos anos 40. — Antes de me interessar pela literatura, interessei-me pelo cinema. O cinema é a arte que me abriu as portas da Arte. Tenho para com ele dívidas que nunca chegarei a pagar. Parafraseando Drummond: estarei sempre devendo tudo quanto me foi dado por ele. Outro dia, ao separar alguns recortes para o Wander [Melo Miranda], descobri uma entrevista que dei, em 1959, para um jornal de BH. Estava tendo a minha primeira experiência docente no Colégio Leonel Franca, da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos. Curso noturno. Nível: fim do ginásio. Propunha na entrevista a criação de um cineclube no colégio. As reflexões sobre literatura teriam o seu começo numa discussão sobre objetos familiares aos alunos de então, os filmes. Os bons filmes ajudariam os alunos a compreender no concreto do dia-a-dia a necessidade da arte, o poder da ficção e a função social da arte. Aprenderiam ainda a raciocinar a partir de um "texto". Daí, para sair e destruir o decoreba que dominava as aulas de literatura acreditei que seria um passo. Para os que não viveram o período, literatura no colégio era a biografia dos autores brasileiros, com fatos da vida e listagem das obras. Nas provas, cobrava-se apenas isso. — Não tentei responder à pergunta que vs. me fazem, mas quis apresentar alguns dados úteis para a arqueologia da frase minha citada. — Recentemente, voltei ao tema em conferência intitulada "Literatura e Cultura de massa" (hoje publicada na revista **Novos Estudos**). O leitor curioso poderá encontrar ali mais subsídios para entender o problema a partir da minha perspectiva. Assim, não me repito demasiadamente.

4. *Quase lazer: quais são as suas preferências na chamada MPB e em outros tipos de música?*

Por absoluta falta de tempo livre, sempre escutei pouco música clássica. Escutei mais nos períodos em que morei nos Estados Unidos e na França. Lá foi possível o lazer. Tive muitos discos da "Nonesuch" nos anos 60 (acho que este é o nome da gravadora que se especializava em clássicos), em geral contemporâneos nossos ou então os barrocos italianos. Foi uma época "cordas" e dodecafonias. Tive também uma época "piano". O meu

grande amigo parisiense, Dionisio Toledo, sempre quis me empurrar para o clássico. Com ele, aproximei-me da ópera. Apenas um flerte ao fim e ao cabo. Mas comecei a admitir a possibilidade de o canto lírico ser belo. Não pode imaginar o que significa isso para quem adorava os primeiros filmes de René Clair. — Desde cedo, a mpb seguiu os meus passos. Primeiro sob a forma da mpb kitsch (Angela Maria, Elizete Cardoso, Caubi Peixoto, etc.), depois sob a forma do kitsch latino (cheguei a ter uma boa coleção de boleros, que deixei em mãos de um dominicano amigo meu em NY). Ao lado disso, vi aparecer e crescer a bossa nova. Assisti aos primeiros concertos de João Gilberto no Carnegie Hall. Ao mesmo tempo, quando descobri o cinema, também descobri o jazz (Bessie Smith, Billie Holliday, progressive jazz, cool jazz) e, mais tarde, acompanhei no dia-a-dia americano o surgimento e o apogeu do rock. Nas viagens ao Brasil no início da década de 70, empolguei-me com Caetano, Chico, Gil, Milton, Bethânia, e escrevi sobre eles. — Hoje, escuto mais música clássica (no rádio) do que música popular. Que Zeca Jagger, velho e grande amigo meu, não me ouça. -- O meu quase lazer está mais no cinema e nas artes plásticas. Esteve no teatro.

5. *Uma de suas conhecidas admirações, no campo da literatura, é a figura de Mário de Andrade. Seria pertinente traçar uma homologia entre a estilização da escrita ficcional-memorialística de Graciliano Ramos (que você fez no livro Em liberdade) e um comportamento intelectual e de cidadão público semelhante ao que verificamos em Mário — sobretudo a partir da publicação das suas cartas?*

O projeto de **Em liberdade** e a leitura da correspondência (de Mário e outros, mas sobretudo de Mário) e mais a de relatos autobiográficos ou memorialísticos surgiram na mesma época. Existe aí um nó textual que cabe mais ao leitor deslindar do que a mim. Posso acrescentar que montei um "repertório" inédito em termos de crítica literária recente no Brasil e o coloquei à disposição do criador que existe em mim para ele poder dar forma a uma matéria bruta aparentemente intratável, mesmo porque (repito) entre os meus planos nunca esteve o de ser herói.

6. *Miséria, corrupção, falta de educação (stricto sensu), problemas de saúde, transporte, desemprego — e a lista se segue: afinal, o Brasil é viável?*

Um país torna-se inviável não por causa dos seus problemas, viajei muito e pude descobrir que todos têm os seus, em maior ou menor escala. Por exemplo, acho o racismo europeu tão horroroso quanto a miséria brasileira; acho o desemprego norte-americano tão escandaloso quanto a favelização tupiniquim. Cada um desses problemas sociais, à sua maneira, perturba, molesta o transcorrer do cotidiano do cidadão e do país. Um país se torna inviável no momento em que a **descrença** toma conta do horizonte cotidiano das pessoas. Descrença com relação ao exercício da ética profissional como *modus operandi* das instituições, descrença diante da possibilidade de mudança na condição subumana de vida que leva a maioria assustadora dos cidadãos (nem o são, na verdade), descrença em relação às alternativas apresentadas para combater o desemprego crescente, etc., etc. — Sou cético, mas acredito que não tenho sido descrente. Estou ficando. Apesar de algumas tentativas positivas, no ano de 93 e neste de 94 estivemos e estamos muito próximos do estado geral de descrença. Mais e mais se torna inviável o país. Até chegarmos à grande crise?

7. *Consideradas, ainda, as diferenças de gênero entre a poesia e a prosa, a marca da sua produção encontra-se na última. Para o futuro, a tendência é a mesma?*

É você quem o diz. E respeito a sua opinião. Acabo de entregar à Editora Rocco um curto livro de poemas, **Cheiro forte**. No último ano, peguei algumas anotações poéticas e

transformei-as em poemas. Juntei a estes dois ou três já escritos e publicados em jornal. Se reparar bem, em *Nas malhas da letra* existe um poema e *Vale quanto pesa* se abre por um poema. No romance *Em liberdade* "Graciliano" escreve pelo menos um poema. — Durante algum (longo) tempo fiquei muito chateado porque sumiu da minha casa uma pasta que continha uma coleção de poemas, XXXV, com design ("boneca") de Hélio Oiticica. Planejou capa, cada página, a partir de pedaços de fotos minhas tiradas por ele. Tudo sumiu. literalmente; talvez tenha posto a culpa do desaparecimento na poesia. -- Os poemas que juntei agora são muito diferentes do livro anterior, *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina*; são anotações líricas, simplezinhas. Deixei o peso da tradição lírica luso-brasileira (medieval e quinhentista) e européia (oitocentista) trabalhar, mas não quis que as marcas da erudição fossem visíveis, como o são em poemas de Eliot ou de Pound. A leitura do livro deve ser relativamente fácil; talvez mais complexo o pleno entendimento dos poemas.

8. *O que é ou quem é:*

UNIVERSIDADE:

Junto com ela estamos entrando no poço fundo da mediocridade. Já conheceu (conhecemos) dias menos medíocres.

RELIGIÃO

Julgo-me tolerante e, por isso, aceito todas as formas, menos a neoliberal, pragmática e oportunista, que frequenta a atualidade beócia da vida sociopolítica brasileira.

SUCESSO

Se pintar, nada contra. Mas nada será feito em nome dele.

FILOSOFIA

É a minha religião. Por isso faço minhas as palavras de Rosa: "Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue."

PROFESSOR

Minha redenção, meu ganha-pão, meu desespero.

PAULO LEMINSKI

Não li o suficiente.

JACQUES DERRIDA

A mágica de um pensamento iconoclasta e sedutor, variado e libertário.

LUIZ COSTA LIMA

Um colega de departamento por muitos anos; um crítico que mantém acesa, a duras penas e com orgulho, a chama da curiosidade e da reflexão intelectuais num país em que nem fósforos são acesos na universidade.

ANDRÉ GIDE

Descoberta da literatura.

CLÁUDIO MANUEL DA COSTA

Existiu, passou.

9. *Rio, Minas, Sampa, Nova Iorque, Paris: o escritor (tal como dizia Barthes em relação à literatura) também é um espaço indireto por onde podem circular os outros, todos os saberes?*

Tenho de possíveis antepassados ciganos o gosto pelo deslocamento, espécie de bicho carpinteiro que rói as entranhas no momento em que o corpo busca o repouso necessitado. Minas é montanhas, e foi com enorme prazer que um dia as transpus. Desde então, me acostumei a procurar sempre um "alto" para de lá descer à planície do cotidiano e conhecer diferentes pessoas em ambientes de trabalho diversificados, aprender novas coisas, ter experiências pessoais inesperadas, sentir o gosto agriço do desconhecido que vai sendo pouco a pouco domesticado. Em várias e diferentes ocasiões me deixei invadir pelo que era até então estranho para mim e acho que fiz incursões por diversos lugares onde estranhavam a minha presença. A viagem tem a graça do choque de estranhamentos. Sempre fui sensível à mútua descoberta e, por isso, acho que existe um forte traço cosmopolita no meu modo de ser, agir e pensar. Se vs. repararem bem, verão que os meus livros se sucedem numa espécie de estrutura dentro(Brasil)/fora(estrangeiro). Dentro penso no fora, fora penso no dentro, e talvez por isso a minha prática docente tenha se exercido no sentido de fazer interagirem os dois componentes da estrutura, criando uma espécie de ambiente universitário dentro/fora pouco propício a visões rastaqueras da literatura/crítica brasileira lá fora, da literatura/crítica estrangeira aqui dentro. — Tudo isso estará de novo expresso no romance que estou elaborando. Trata-se da viagem de Antonin Artaud ao México, em 1936.

10. *Outras palavras:*

Obrigado.

Março de 1994.